

**Lunch of the American Club of Lisbon and the
American Chamber of Commerce in Portugal**
With Prof. Doutor Fernando Teixeira dos Santos
April 16th 2008
White Plains Rooms, Sheraton Lisboa Hotel & SPA
14.00

SPEECH:

É sempre um desafio dirigir algumas palavras a uma audiência como a que temos hoje. Tenho consciência de que estou perante uma audiência de personalidades, não só da vida política mas também do mundo económico, para quem estas questões são fundamentais.

Portugal em 2007, atingiu dois objectivos muito importantes devido a dois factores:

- evolução das finanças;
- evolução da economia.

Os dois objectivos atingidos foram:

1. Défice abaixo dos 3% - temos um quadro de finanças públicas mais favorável, sem abandonarmos o propósito de consolidação orçamental, reduzindo o valor do défice e a dívida quanto ao PIB. A dívida pública baixou o peso na política orçamental.
2. Portugal foi capaz de ver um crescimento de 1,9%. Não é ainda o ideal, mas representa um crescimento sustentado, e com uma economia externa com condicionantes que não são favoráveis (aumento do preço do petróleo, aumento do preço de outras matérias primas, depreciação do euro, subida das taxas de juro, etc). Ganhámos mercados importantes, tivemos mais investimento empresarial, há uma mudança quantitativa mas também qualitativa.

Esta recuperação do crescimento, decorre num período em que houve uma correcção das contas públicas, com uma política orçamental restritiva.

O sector privado é o responsável pelo crescimento económico. Há que reconhecê-lo e fazer-lhe justiça, muito revelada na dinâmica da exportação, novos mercados que foram conquistados, diversificando o mapa geográfico da nossa exportação.

A turbulência dos mercados financeiros, seguida de desaceleração do mercado financeiro - esta conjuntura terá um impacto, não só na economia europeia mas também na portuguesa.

Não podemos parar este movimento dos últimos anos. Não gostaria de dar palpites sobre o que vai acontecer. A minha atitude tem que ser proactiva,

no sentido de agir, para que a conjuntura internacional tenha o menor impacto possível na economia portuguesa.

Temos que estabelecer uma cultura de rigor - no que diz respeito à evolução das finanças públicas - não temos tido rigor na condução da política financeira do Estado ao longo de décadas.

Esta política também tem que ser de toda a sociedades (das empresas e dos indivíduos).

Queremos também um Portugal (porque aqui há potencial) mais sabedor, mais competente, mais qualificado. Este será um Portugal mais moderno, e a nossa cidadania será mais plenamente exercida a todos os níveis.

Queremos um Portugal com uma imagem de respeito internacional. Quando entrei em funções havia desconfiança - não se acreditava que Portugal pudesse mudar. Tivemos uma Presidência Europeia em que Portugal se afirmou; obteve bons resultados e reforçou a sua credibilidade.

Temos reformas difíceis - segurança social, etc. Os nossos interlocutores internacionais sabem disso, e começam a olhar para nós com outros olhos, e vendo que se estão a realizar mudanças importantes.

Precisamos de um Portugal mais justo e mais solidário.

Há sempre pessoas que ficam para trás, e que terão dificuldade em acompanhar a mudança - temos que ter uma rede social que ajude essas pessoas.

Tento a cada dia não só fazer o meu melhor mas fazer o necessário, como dizia Churchill.

Temos que mudar - desenvolver a educação, a ciência, a tecnologia, mudar as políticas sociais.

Só seremos capazes de mudar, se tivermos confiança. A confiança é algo fulcral em todo este processo, e não depende só do que nos rodeia, depende também do que sentimos que somos capazes de fazer; é acreditarmos que cada um de nós consegue fazer o que tem que fazer, é saber qual é o nosso papel; é confiar que conseguimos enfrentar desafios e vencê-los.

Temos que ter iniciativa - maior capacidade de conviver com o risco - este é outro desafio que todos temos - tanto os privados como o Governo. O Governo tem que dar o seu contributo, nos sectores que estão agora em desenvolvimento, impulsionando assim a actividade económica. Os mais carenciados têm também que participar, e é neste contexto que se dá a descida do IVA em 1%.

Podemos já devolver alguma coisa aos Portugueses. Há medida que formos avançando nos resultados que pretendemos desenvolver, e assim que poderemos devolver mais, assim faremos. Damos o sinal de determinação mas também de serenidade na condução da política.

Temos um GPS para Portugal. Este GPS tem a ver com
G - Governação - políticas estatais, empreendedorismo, iniciativa privada;
P - progresso, melhoria dos novos saberes e competências;
S - solidariedade, justiça.

Question and Answer Period:

Q: João Rodrigues - GM of IBEROL

Sugere que o Governo não ouça só as grandes empresas, que ouça as pequenas, pois são elas que permitem que as grandes existam.

O Sr. João Rodrigues pede também ao Embaixador dos EUA que transmita ao Governo americano o descontentamento que se sente em Portugal e na Europa com a política económica americana (a compra de acções próprias de commodities de sectores como a alimentação, constitui um roubo à população mundial, agravando os problemas de fome no mundo).

A: Concorda com o Sr. João Rodrigues quanto à matéria de ter que ouvir mais as PME's. O Governo é obrigado a ouvir os grandes, porque estes se fazem ouvir. O Governo tem uma preocupação muito especial com as PME's (isso preocupação está reflectida no Orçamento de Estado para 2008). O nosso tecido empresarial é constituído maioritariamente por PME's.

OP Governo tem que aguçar o ouvido para a voz débil das PME's, mas as PME's têm também que elevar a sua voz, sendo mais participativos e mais reivindicativos.

Q: Rui Machete - President of the Luso-American Foundation

Perguntou quais são as previsões do Ministro quanto às exportações em 2008 e num período próximo - visto que as exportações foram uma alavanca da economia em 2007.

Perguntou também qual é a previsão da evolução do emprego.

A: Há previsões de abrandamento acentuado nos EUA, e de um abrandamento menos acentuado na Europa. Sendo Portugal uma economia aberta, a conjuntura internacional pode afectar-nos. Mas estamos também dependentes da nossa capacidade de aumentar as quotas de mercado e explorar novos mercados.

As exportações têm vindo a aumentar para mercados emergentes, que podem ainda aumentar. Não arrisco fazer previsões. Temos que ver a evolução para podermos fazer previsões.

Quanto ao emprego continuaremos com a dinâmica de criação de emprego líquido - foram criados 90.000 postos de trabalho desde 2005. A previsão terá a ver com o crescimento do emprego, mas a taxa de crescimento de emprego subsistirá ao longo de 2008.